

**O lugar das teorias e dos resultados de pesquisas
linguísticas na graduação em Letras: análise de um dado
singular de hipossegmentação de palavras na escrita**

**The place of linguistic theories and results of
language studies in undergraduate courses in languages,
linguistics and literature: analysis of a singular datum of
word clustering in writing**

Elisa Battisti*

RESUMO: O trabalho examina um dado singular de hipossegmentação (ausência de espaço em branco) entre palavras em contexto de haplogia (apagamento de uma de duas sílabas em sequência, iguais ou similares em termos fonético-fonológicos) na escrita de adultos. Objetiva-se mostrar como teorias e resultados de pesquisas linguísticas podem esclarecer as múltiplas restrições (fonológicas e lexicais) que obscurecem os limites entre palavras e afetam até mesmo a escrita de sujeitos letrados. Com isso, demonstra-se a contribuição das teorias linguísticas na formação de profissionais em Letras e sugere-se contemplar, nos planos de ensino das disciplinas de linguística, fundamentos e resultados de estudos que esclareçam formas e usos situados de linguagem, assim ampliando, por implicação, o lugar da oralidade nos currículos de graduação.

PALAVRAS-CHAVE: linguística; exame de dado singular; hipossegmentação; graduação em Letras.

ABSTRACT: The paper examines a singular datum of word clustering (lack of blank space) in the context of haplogia (deletion of one of two syllables in sequence which are equal or similar in phonetic-phonological terms) in adult writing. Its objective is to show how linguistic theories and results of language studies can clarify multiple phonological and lexical restrictions that obscure the boundaries between words and affect even the writing of literate individuals. By this, the paper demonstrates the contribution of linguistic theories in undergraduate courses in languages, linguistics and literature. It also suggests that the teaching plans of linguistics disciplines should approach foundations and results of linguistic studies that clarify language forms and situated uses of language, thus expanding, by implication, the place of orality in undergraduate curricula.

KEYWORDS: linguistics; examination of a singular datum; word clustering; undergraduate courses in languages, linguistics and literature.

* Professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, bolsista de produtividade do CNPq, elisa.battisti@ufrgs.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6701-4218>.

1 Introdução

Este artigo¹ objetiva mostrar a contribuição das teorias linguísticas na formação de profissionais em Letras e Linguística - professores da educação básica, tradutores-intérpretes e pesquisadores. Para tanto, discute, de modo ensaístico, o lugar das teorias fonológicas na formação de bacharéis e licenciados, a partir do exame de um dado singular² de escrita não inicial³ na redação de um candidato a vaga de ensino superior.⁴ Trata-se de um dado de hipossegmentação entre palavras, ou, conforme Cunha (2017, p. 16), “falta de espaço entre fronteiras vocabulares” na escrita, com apagamento da sílaba final do vocábulo à esquerda: *desde que o homem chegou à lua ~ **desque** o homem chegou à lua*. Esporádicos, mas eventualmente observáveis, dados como ‘desque’ são surpreendentes na escrita de adultos.⁵

Analisa-se o dado singular conforme o Paradigma Indiciário (Ginzburg, 1989).⁶ Como explicam Oliveira, Gutierrez, Battisti e Perozzo (2020, p. 67),

¹ O artigo contempla, em boa medida, o trabalho *Quando a fonologia “fala mais alto”: Hipossegmentação em contexto de haplografia na escrita adulta*, apresentado pela autora na mesa-redonda Fronteiras entre linguística formal e ensino: fonologia, morfologia e sintaxe, no V Instituto de Estudos Linguísticos: Linguagem e Fronteiras, promovido em novembro de 2021 pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul e pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima.

² Na investigação linguística, *dados singulares* são realizações de linguagem de “sujeitos reais, [que] costumam usar a linguagem, seja em sua forma oral, seja em sua forma escrita, de maneira por vezes absolutamente singular.” (Abaurre, 1999, p.169). Segundo Abaurre, Fiad, Mayrink-Sabinson e Geraldí (1995), tais dados, usados na investigação de realidades opacas ou não imediatamente acessíveis aos olhos do observador, são tomados como indícios para descobrir regularidades explicativas de fenômenos de interesse, às quais se chega por inferenciação.

³ Distingue-se, neste artigo, a escrita heteróclita de crianças (escrita inicial) da escrita relativamente não heteróclita de adultos (escrita não inicial).

⁴ A autora do presente artigo atuou como corretora de redações de vestibulandos da Universidade de Caxias do Sul nos primeiros anos da década de 2000. O dado singular coletado, como muitos outros igualmente assistemáticos e eventuais, foi encontrado em uma dessas redações, cuja autoria se desconhece, e recuperado de memória pela autora para a elaboração deste artigo. Por essa razão, informações de perfil social do autor da redação onde ocorreu o dado singular não são aqui fornecidas. Nesse sentido, o dado singular pode ser tomado como o são os dados analisados em estudos linguísticos formalistas: exemplos de formas produzidas por um falante-ouvinte ideal, abordadas, na análise, em seus aspectos estruturais, não sociais. Assim sendo, entende-se que não se ferem preceitos éticos de pesquisa na coleta e tratamento do dado, efetuados no presente artigo.

⁵ No processo de aquisição da escrita, conforme Cunha e Miranda (2009, p. 146), “a cada série que passa o número de casos de segmentações não convencionais diminui tanto nos textos das crianças da escola pública como da [escola] particular.”

⁶ A metodologia de análise inspira-se em Abaurre (1999, 2011). Para essa pesquisadora, que tratou da relação oralidade-escrita na aprendizagem do registro (escrito) de sílabas, os critérios de

“nessa perspectiva, dados singulares são pistas ou indícios reveladores de fenômenos (linguísticos) da realidade”. O dado em questão, *desque*, é aqui tomado como um pormenor revelador de que formas recorrentes na oralidade podem obscurecer a consciência fonológica – capacidade de o “falante reconhecer que as palavras rimam, terminam ou começam com o mesmo som e são compostas por sons individuais que podem ser manipulados para a formação de novas palavras” (Freitas, 2003, p. 156) – dos escreventes, necessária à identificação de palavras, seus limites e eventuais apagamentos silábicos para o registro escrito esperado.

Como ministrante de disciplinas de linguística nos níveis de graduação e pós-graduação em Letras, bem como na graduação em Fonoaudiologia, com formação e atuação em pesquisa em fonologia e sociolinguística, a autora do presente artigo assume o pressuposto de que as teorias linguísticas e o resultado de pesquisas na área são conhecimento do especialista em linguagem. Fundamentam a análise de dados e de usos linguísticos que, espera-se, o especialista venha a promover, não com o propósito primeiro dos linguistas formais (de descrever e explicar línguas naturais), mas para buscar compreender a natureza – funções, relações, causas etc. – de ocorrências linguísticas que se mostrarem relevantes, de modo a definir estratégias de ação adequadas às diferentes atividades profissionais que desenvolver.

Neste artigo, assume-se que, mesmo em perspectivas críticas de educação linguística,⁷ as teorias e os resultados de pesquisas linguísticas podem fornecer as bases para a “apropriação emancipadora do conhecimento rumo a práticas transformadoras orientadas para o bem comum e em empatia com o outro”. (Tilio; Rocha, 2024, p.25). Se, nessa perspectiva, a prática problematizadora e o engajamento com as diferenças requerem sujeitos fundamentados e éticos, preparados para a pesquisa e a prática interpretativa, as teorias linguísticas e os achados dos estudos em linguagem são imprescindíveis à formação profissional desses sujeitos, porque fornecem-lhes um lastro conceitual e princípios de

identificação de dados singulares relacionam-se ao fenômeno que se investiga, fenômeno esse não passível de exame experimental ou quantitativo.

⁷ Essas perspectivas alinham-se à linguística aplicada crítica (Pennycook, 2001) e voltam-se à formação de sujeitos que construam compreensões situadas das práticas de linguagem, para enfrentar o pensamento hegemônico e engajar-se na transformação social.

investigação em que se apoiar. É o que se buscará mostrar neste trabalho, estudando-se um dado singular de hipossegmentação entre palavras na escrita de adultos.

Se a segmentação não convencional é pouco frequente na escrita de sujeitos como os pleiteantes a vagas de ensino superior, o processo fonológico relacionado à hipossegmentação, a haplologia sintática⁸, é fenômeno variável e sistemático na fala em português brasileiro. Na variedade de Porto Alegre, por exemplo, afeta especialmente sequências de sílabas iniciadas por /t, d/ - *Rio Grand’do Sul, mon’de gente, qualida’de vida* (Battisti, 2005); em Itaúna, Minas Gerais (Oliveira, 2012), verifica-se em sequências de sílabas iniciadas por outras consoantes – *dormiram na ca(sa) do gerente, caio na real mes(mo) quando eu vejo*.

A seleção da hipossegmentação para apoiar a demonstração da relevância das teorias e resultados de pesquisas linguísticas na formação em Letras tem duas justificativas: (a) embora, ao tratar da hipossegmentação, a reflexão empreendida aproxime-se da temática mais frequentemente explorada na interface fonologia e ensino, a da escrita alfabética, será possível ir além do recorte comumente realizado nesse universo de investigação, o do exame de “erros” ortográficos, fundados nas relações regulares e irregulares entre grafema-fonema (Moraes, 2000); além disso, e mais importante, (b) ainda que a hipossegmentação seja peculiar à escrita inicial pela criança, não serão analisados dados desse tipo, explorados, por exemplo, pelos pesquisadores cujos estudos são relatados em Miranda, Cunha e Donicht (2017). O trabalho discorrerá sobre um dado singular na escrita adulta, de sujeito letrado, com domínio consolidado da relação entre os planos gráfico e fônico da língua, incluindo-se aí a regra de separar as palavras morfossintáticas por espaços em branco. A questão que norteia o exame do dado singular e que, sugere-se, possa ser perseguida pelos graduandos em Letras, é a mesma proposta por Oliveira, Gutierres, Battisti e Perozzo (2020): qual é a motivação de registros gráficos inadequados na escrita de adultos letrados, que

⁸ Conforme Battisti (2005, p. 31), “*haplologia* é a denominação que se dá à omissão de alguns dos sons numa sequência de articulações semelhantes [...] [ela é] sintática quando omite-se uma de duas sílabas iguais ou semelhantes contíguas na frase (Silveira, 1971, p.79), como em *caldo de cana*>*cal de cana*, *Rio Grande do Sul*>*Rio Gran do Sul*.”

realizam “numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita” (Soares, 2006, p. 44) diariamente?

Como aqueles autores, não se seguirá a máxima de que esses sujeitos escrevem como falam, justamente em razão da singularidade dos dados: dados de hipossegmentação são ocorrências esporádicas em textos de autores que demonstram dominar as diferentes normas de escrita. A ideia aqui defendida, embasada em teorias linguísticas e resultados de estudos da linguagem, é a de que tais ocorrências singulares resultam do processamento fonológico implicado no processamento da escrita: as experiências prévias com a oralidade, ativas na resolução das tarefas cognitivas envolvidas na escrita⁹, têm mais peso do que as experiências prévias com a leitura e a escrita.

O artigo mostrará que o dado singular de hipossegmentação com haplologia na escrita adulta envolve sequências de palavras morfossintáticas cujas fronteiras são “borradas” na produção/percepção da fala. A hipótese é a de que a experiência prévia do escrevente com a oralidade da língua (expressão primária, via sons), retomada na escrita (expressão secundária), pode eventualmente encobrir fronteiras entre unidades ou constituintes porque essas fronteiras vêm sendo desfeitas, variável e recorrentemente, por processos fonético-fonológicos sistematicamente observados na fala. As fronteiras entre unidades e a íntegra dos vocábulos, não imediatamente resgatáveis da experiência com a oralidade, acabam não sendo expressas na escrita. Nesse sentido, o conhecimento fonológico do escrevente *fala mais alto* do que as normas ortográficas e demais convenções da escrita, aspecto de que, defende-se neste artigo, os profissionais de Letras devem estar cientes ao definirem estratégias para abordar ocorrências como a hipossegmentação na escrita inicial ou adulta.

A esse respeito, é interessante iniciar a reflexão pela organização do conhecimento linguístico, mais especificamente, pela organização do conhecimento fonológico, para tratar de sua interface com a escrita no que interessa à hipossegmentação por adultos, assim lançando as bases para

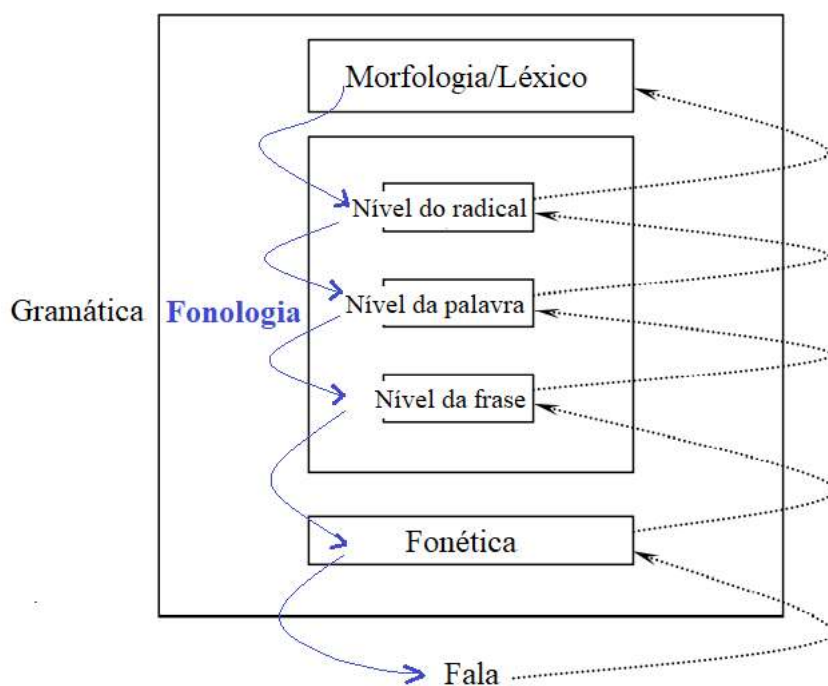
⁹ Essa ativação é realizada ao longo de todo o processo de aquisição da escrita, quando, conforme Miranda (2017, p.21), “o conhecimento já construído sobre sua língua materna, especialmente aqueles referentes à fonologia da língua, é retomado pela criança”.

demonstrar a contribuição das teorias linguísticas na formação dos profissionais em Letras.

2 Processamento fonológico, processamento da escrita e letramento

Tanto na produção quanto na percepção da fala, a perspectiva gerativista, conforme Halle, Vaux e Wolf (2000, p. 388), vê os enunciados como cadeias de sinais acústicos com que se expressam oralmente as sequências de palavras, cada qual constituída por um ou mais morfemas. Os morfemas são armazenados na memória dos falantes como sequências de unidades discretas, os fonemas, que, por seu turno, são constituídos de traços. Essa é uma visão modular da gramática natural: a gramática consiste em componentes separados, cada qual com seu próprio conjunto de representações e comunicando-se apenas com os módulos adjacentes. O módulo da fonologia é adjacente ao da morfologia e da fonética, como ilustra a figura 1, adaptada de Bermúdez-Otero e Trousdale (2012, p.700). As setas azuis representam o processamento linguístico na produção da fala, as setas pontilhadas pretas, a percepção da fala.

Figura 1 – O módulo fonológico no processamento da linguagem

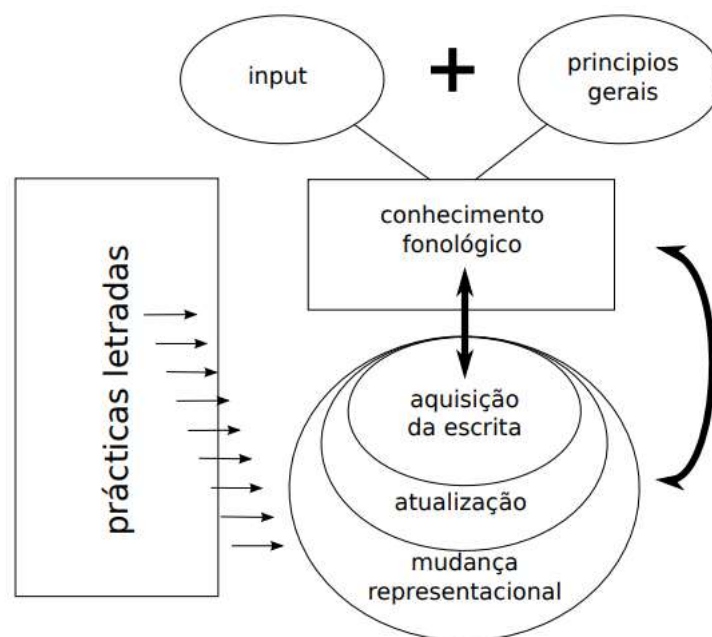


Fonte: Adaptada de Bermúdez-Otero e Trousdale (2012, p.700).

A escrita/leitura não é adquirida como a fala/compreensão da fala. Nas palavras de Miranda (2017), aprender a ler/escrever é apropriar-se de um bem cultural. É, como afirmam Miranda e Veloso (2017) na linha de Ferreiro (1987), atender a uma demanda externa que implica controle cognitivo intencional das letras como objetos simbólicos, substitutos das unidades fônicas. Ou seja, quem escreve/lê estabelece alguma relação entre oralidade e símbolos gráficos, mas opera especificamente com princípios da própria escrita/leitura enquanto tecnologia.

No processamento da escrita/leitura, como explicam Miranda (2014, 2017), Miranda e Veloso (2017), o conhecimento fonológico e o conhecimento de leitura/escrita compõem um binômio bidirecional: a competência fonológica alimenta, mesmo que indiretamente, a leitura/escrita, ao mesmo tempo em que a prática da escrita/leitura pode reformatar aspectos essenciais do conhecimento fonológico. É o que ocorre no desenvolvimento da consciência fonológica, entendida como habilidade metalinguística correspondente à capacidade de manipular as unidades fonológicas (sílabas e fonemas), por sujeitos que praticam a escrita alfabética. A figura 2 representa essa bidirecionalidade e, mais importante, o fato de que as práticas letradas têm efeito tanto sobre a (aquisição da) escrita/leitura quanto, por implicação, sobre o conhecimento fonológico.

Figura 2 – Bidirecionalidade na aquisição/desenvolvimento fonológico e aprendizagem da leitura/escrita



Fonte: Miranda e Veloso (2017, p. 443).

Vale dizer, uma vez desenvolvida a consciência fonológica e aprendidos os princípios da escrita alfabética, passamos a neles apoiar parte de nossa produção e percepção da produção oral. É assim que registramos a sequência fônica [u'ke kise'kε] como *‘o que é que você quer?’* na escrita, e mapeamos esse registro escrito, ou eventualmente o registro *‘o que que cê qué?’*, àquela sequência fônica, quando lemos. O pressuposto é o de que a proficiência alcançada na escrita/leitura adulta produza um registro escrito único, padrão ou padronizado, independentemente das junturas vocabulares, dos apagamentos segmentais ou silábicos, das alterações de qualidade segmental (“sotaques” ou pronúncias diferenciadas). Espera-se, portanto, que a expressão escrita de sujeitos proficientes desvincule-se da diversidade de manifestações da fala, seguindo sua própria lógica de estruturação e suas normas de registro (orto)gráfico. Por que, então, o sujeito produz na escrita um dado singular como *‘desque’*, aparentemente vinculado ao que ouve/realiza na fala?

Para que a desvinculação ocorra, é preciso que a consciência fonológica apoie quem escreve na percepção de alterações regulares passíveis de ocorrer na

realização fônica dos morfemas armazenados em sua memória, permitindo identificar, em certas sequências, palavras/unidades que se podem isolar. Não seguir os princípios e normas da escrita, como no dado singular ‘desque’ (por *desde que*) para uma realização oral como [ˈdeskɪ], indica que o sujeito escrevente não percebe, aí, o resultado de uma concatenação de unidades morfológicas pela aplicação de processos fonológicos. Como veremos, esses processos têm condicionamento segmental e prosódico, de um lado; de outro, devem-se à recorrência com que as formas como ‘desde’ e ‘que’ colocam-se nos enunciados, constantemente juntas, em sequência, sem elementos intervenientes, o que contribui para que o escrevente opere com elas como se fossem uma unidade. Ou seja, dados singulares como ‘desque’ na escrita adulta devem-se não apenas a um, mas a múltiplos fatores, que o profissional de Letras precisa reconhecer para adequadamente abordar.

3 Haplogia sintática variável no português brasileiro e o dado singular de hipossegmentação na escrita adulta

No que se refere à haplogia, sabe-se, de análises sociolinguísticas labovianas (Labov, 2008 [1972]) realizadas em dados da comunidade de fala de Porto Alegre (Battisti, 2005, Battisti; Oushiro, 2022, Battisti; Soares, 2024), que o processo afeta sequências de sílabas com *onset* (início de sílaba) preenchido por /t, d/, a primeira das quais obrigatoriamente átona, a segunda, quase sempre átona: *fica só den(tro) de casa, nem sei há quan(to) tempo não te vejo, comprei um mon(te) de coisa; não vejo on(de) tu tá*. Tanto na amostra do VARSUL (anos 1990)¹⁰ analisada por Battisti (2005) quanto na amostra do LínguaPOA (2015-2019)¹¹ examinada por Battisti e Oushiro (2022), a proporção

¹⁰ VARSUL (<https://www.varsul.org.br/>) é um banco de dados de fala de informantes de ambos os sexos (masculino, feminino), com diferentes níveis de escolaridade (Fundamental I, Fundamental II, Médio) e idades (25 a 50 anos, 50 anos ou mais), residindo nas capitais e algumas cidades do interior dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. As entrevistas da amostra base do VARSUL foram realizadas no início dos anos 1990.

¹¹ LínguaPOA (<https://www.ufrgs.br/linguapoa/>) é um acervo de entrevistas sociolinguísticas de informantes de Porto Alegre realizadas entre 2015 e 2019, estratificadas em 4 zonas (centro, norte, sul, leste), 2 bairros por zona (por renda média mensal em salários mínimos), 3 grupos etários (20-39 anos, 40-59 anos, 60 ou mais anos), 3 níveis de escolaridade (fundamental, médio,

total de aplicação é em torno de 25%: 21% na amostra VARSUL, 27,5% na amostra LínguaPOA. Na amostra VARSUL, o processo correlaciona-se às variáveis *Qualidade das vogais* e *Posição em relação à frase fonológica*, sendo favorecido em sequências de sílabas com a mesma vogal, dentro da frase fonológica; na amostra LínguaPOA, correlaciona-se ao *Molde da sílaba dois* e à *Renda domiciliar do informante*: tende a não ocorrer se a palavra à direita iniciar por sílaba CVC (de **dentro**) e é favorecido por jovens cujas famílias tenham rendas médias mensais superiores – o que, no caso do último fator, tem a ver com maior mobilidade no espaço urbano e consequente estilização da fala.

Considerando-se os resultados desses estudos, observa-se que a sequência de palavras no dado singular em questão, ‘**desde que**’, embora tenha apenas uma sílaba com *onset* /t, d/, apresenta ambiente favorecedor da haplologia no que se refere à atonicidade (as duas sílabas em sequência são átonas), as duas sílabas têm a mesma vogal e a segunda palavra, *que*, contém uma só sílaba CV (aberta).

Além dos condicionadores da haplologia, chama atenção, conforme Collischonn (2007), a sensibilidade das vogais nos contextos de haplologia a outros fenômenos que podem afetá-las, também passíveis de aplicação a segmentos em fronteiras entre palavras. Esses fenômenos relacionam-se à localização do acento primário (de palavra) e do acento frasal. Na sequência ‘*desde que o homem chegou à lua*’, uma realização como [ˌdeskju ˈõmẽj̃n ʃeˈgo aˈluə] atesta a existência de três frases fonológicas (φ),¹² como se vê na linha inferior em (1).

superior), 2 gêneros (masculino e feminino). As atuais 103 entrevistas atendem a todos os critérios de estratificação nos níveis médio e superior de escolaridade.

¹² Na Fonologia Prosódica, teoria fonológica que “compreende um conjunto de modelos teóricos que têm como objeto comum o estudo de fenômenos fonético-fonológicos que evidenciam a interface entre Fonologia e demais componentes da gramática” (Tenani, 2017, p.109), *frase fonológica* (φ) é um dos constituintes propostos seguindo-se a ideia de que “as sentenças de uma língua são segmentadas pelo componente fonológico em constituintes prosódicos. Dessa forma, cada sentença é dividida desde a sílaba até o enunciado” (Gayer, 2015, p. 156), e as fronteiras dos constituintes são evidenciadas por sua sensibilidade a processos fonológicos. Conforme Selkirk (2011), *hierarquia prosódica* é a designação do conjunto ordenado dos constituintes prosódicos, que vai da menor à maior unidade: sílaba (σ), pé métrico (Σ), palavra fonológica (ω), frase fonológica (φ), frase entoacional (ι). No que tange especificamente à frase fonológica, Gayer (2015) explica que seu estabelecimento “levaria em conta, em um primeiro momento, cabeças lexicais (nomes, verbos etc.). Além disso, o cabeça e todo o conteúdo que houver à sua esquerda devem permanecer em uma mesma frase fonológica” (Gayer, 2015, p. 156).

(1)

[		x	]	φ	[	x	]	φ	[	x	]	φ	Nível do acento frasal		
[	x	]	ω	[x	]	ω	[	x	]	ω	[	x	]	ω	Nível do acento primário
[	σ	σ	σ	σ		σ	σ		σ	$\sigma\sigma$			Nível das sílabas		
[	deskju		'ômẽjɲ]	φ	[	fe'go]	φ		[	a'luɐ]	φ				

A primeira frase fonológica contém o dado singular, que sofre, além da haplologia, juntura com ressilabação ao determinante do sintagma ‘o homem’. Nessa estruturação prosódica, o dado singular ocupa uma posição de máxima atonicidade frasal: o item lexical ‘desde’ porta acento primário na penúltima sílaba (σ), mas não recebe acento frasal. A sílaba apagada e a juntura por ditongação ao material remanescente ocorrem em posições sem proeminência nem no nível da palavra fonológica (ω), onde se atribui acento primário, nem no nível da frase fonológica (φ), onde se atribui o acento frasal (à sílaba portadora de acento primário mais à direita no nível da frase).

A haplologia sintática é, portanto, um processo fonético-fonológico variável, dirigido por fatores linguísticos (qualidade da consoante de *onset* e da vogal-núcleo, molde da segunda sílaba, atonicidade das sílabas em sequência) e afetado por fatores sociais, além de aplicável a contextos em que outros processos de juntura vocabular podem ser observados. Esses são fatores que explicam o fenômeno na oralidade. No que se refere ao dado singular ‘desque’, interessam aqui os fatores linguísticos, não os sociais. Transposto do oral para o escrito, não apenas o condicionamento segmental e a estruturação prosódica operam no processamento grafo-fonológico do dado realizado pelo escrevente. Contribui para a singularidade de ‘desque’ o fato de, possivelmente, o escrevente operar com a sequência truncada e concatenada como se fosse uma unidade.

3.1 Colocações como unidades fraseológicas vs. práticas letradas

Os lexicólogos (Corpas-Pastor, 1996, Souza; Pinto; Carvalho, 2021) explicam que duas ou mais palavras de uso comum cuja coocorrência possui uma relativa estabilidade sintática e semântica podem funcionar como uma *unidade fraseológica*. A unidade expressa no dado singular ‘desque’ parece ser, para o sujeito que o produziu, o que Corpas-Pastor (1996) chama *colocação*, um

sintagma livre com certo grau de restrição combinatória determinada pelo uso, referido por Souza, Pinto e Carvalho (2021) como *expressão cristalizada*.

A cristalização da combinação e seu registro, no léxico mental, como unidade decorre da alta frequência de uso na fala, pelo sujeito e demais membros da comunidade, exibindo recorrência de forma e sentido ('desde que' temporal, 'desde que' condicional) em diferentes enunciados.

Esse forte efeito do uso, somado à aplicação dos processos de haploglia e juntura vocabular, diminui a percepção das fronteiras entre as palavras morfosintáticas combinadas na unidade, o que leva, eventualmente, a registros como 'desque'. No entanto, tal efeito costuma ser compensado pela exposição sistemática dos sujeitos a registros escritos nos quais as palavras combinadas participam de diversas formações sintagmáticas. Por exemplo, no caso de nosso dado singular, a presença especialmente do item 'desde' em diferentes formações (*desde quando, desde o fim de, desde sua separação, desde ontem* etc.) contribuiria para que, por comparação e contraste de sentido, 'desde' viesse a ser armazenado no léxico, em sua integralidade, como item lexical independente de 'que'. Na gênese de nosso dado singular, portanto, provavelmente está a pouca realização de uma das práticas letradas, a leitura, o que tem repercussões lexicais, como vimos, e, no que é necessário ao exercício da escrita alfabética, afeta a consciência morfofonológica das unidades da língua. Ou seja, não se está apenas diante de um dado resultante de 'escrever como se fala/ouve', mas também, principalmente, de não se ter consciência fonológica das unidades concatenadas, na produção oral, por processos fonético-fonológicos sistemáticos, e de não se receber insumos suficientes em leitura que consolidem os modelos de expressão escrita.

4 Abordando dados singulares como 'desque' na formação escolar e na atuação profissional, com base em teorias e resultados de pesquisa linguística

A discussão do dado singular procurou mostrar que, mesmo na escrita adulta, já relativamente estabilizada e proficiente, o processamento fonológico da linguagem pode motivar registros não previstos pela norma-padrão. Se a

consciência (morfo)fonológica das unidades concatenadas previne o vazamento, na escrita, de dados singulares como ‘desque’, isso significa que atividades didático-pedagógicas que mobilizem e fomentem a consciência fonológica não deveriam restringir-se ao período da escrita inicial. Deveriam acompanhar os sujeitos ao longo de toda a sua formação escolar.

De fato, desenvolver a consciência fonológica é crucial para a escrita inicial, na aprendizagem do sistema de escrita alfabética, quando é preciso testar hipóteses sobre a relação grafema-fonema, a segmentação das palavras, eventualmente originando a escrita heteróclita (com inadequações ou “erros” ortográficos). Entretanto, o adulto que um dia aprendeu a escrever e ler seguirá processando (produzindo e percebendo) a linguagem. Estará imerso na oralidade da língua, em sua heterogeneidade ordenada (Labov, 2008 [1972]). Experimentará variação estável, como no caso da haplologia, ou variação na mudança em progresso, como a realização vocalizada de L em fim de sílaba (por exemplo, em *sol~so[w]*, *palco~pa[w]co*), já bastante avançada no português brasileiro. Examinar essa diversidade e discuti-la, identificando suas motivações estruturais e sociais, contribui para a consciência fonológica e para a formação geral dos sujeitos. Assim, por exemplo, pesquisas sobre a pluralidade de manifestações da fala – em poemas, canções, cordéis, peças teatrais, peças publicitárias, filmes, vídeos, *posts* nas redes sociais etc. – face à expressão uniforme e padronizada da escrita são atividades que, de um lado, mobilizam a consciência fonológica e, de outro, oportunizam aprender diferentes tipos de conhecimentos.

Um sujeito adulto letrado opera com princípios relativamente autônomos no processamento fonológico da produção/percepção da fala e no processamento da leitura/escrita. “Vazamentos” da oralidade na escrita, quando ocorrem, devem-se a múltiplos fatores, que o sujeito escrevente necessita reconhecer para não errar. O incremento da leitura poderia reforçar o modelo de escrita uniforme, minimizando efeitos das realizações orais na percepção de fronteiras entre palavras, de sílabas, de segmentos e as distinções entre eles. Mas esse insumo pode ser insuficiente para fornecer modelos: os brasileiros leem em torno de um livro, em média, por ano (entre os 47% de brasileiros que se declaram leitores, a leitura é de 2,61 livros em parte, 1,75 livros inteiros; no total da amostra, que

inclui os 53% brasileiros declarados não leitores, as proporções caem para 1,22 livros em parte, 0,82 livros inteiros).¹³ Sua leitura cotidiana parece concentrar-se em textos curtos, de conteúdo pouco aprofundado, disponíveis na *internet* e em mensagens de rede social. Portanto, usar a leitura para prevenir vazamentos da oralidade na escrita pode ser insuficiente. Para essa prevenção, é importante que os profissionais em Letras promovam investigação e reflexão a respeito da língua, independentemente dos hábitos de leitura dos sujeitos, baseando-se nos conhecimentos que as teorias linguísticas e os resultados de pesquisas na área oferecem.

Os profissionais do ensino podem, por exemplo, dar crédito às indagações e dúvidas dos alunos e ao que se apresenta como “novidade” para eles (em termos sintáticos, vocabulares, de pronúncia). De um lado, é preciso oportunizar, com atividades investigativas e contextualizadas, um “dar-se conta” da sistematicidade de ocorrência dos diversos traços das variedades de fala, em certos ambientes linguísticos e contextos de uso; de outro, e por contraste, é necessário estabelecer relação entre as inúmeras possibilidades de fala e o registro relativamente uniforme da expressão escrita. Na interface com o ensino, portanto, e no que tange especificamente à fonologia, os resultados da pesquisa em linguística formal auxiliam o educador a apoiar seus alunos na escrita/leitura, desde a aprendizagem desse bem cultural (escrita inicial) ao seu aperfeiçoamento (escrita adulta). O educador, especialmente o professor-pesquisador (pesquisa-ação), tem, nos dados singulares, evidências preciosas das manifestações linguísticas, da força dos condicionamentos estruturais, sociais e dos efeitos da cristalização das formas no processamento grafo-fonológico. O educador pode propor, desenvolver e avaliar atividades didáticas para esclarecer a motivação dos dados singulares e sua expressão esperada na escrita.

Da mesma forma, bacharéis em Letras, como os profissionais da tradução, criação e crítica literária, têm, em teorias e resultados de pesquisa linguística sobre oralidade e usos de linguagem, recursos importantes para efetuar escolhas

¹³ Resultados da 6ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2024), realizada pelo Instituto Pró-Livro e Ministério da Cultura - MINC – Governo Federal, em parceria com a Fundação Itaú, patrocínio do Itaú-UNIBANCO, apoio da Abrelivros, CBL e SNEL, e aplicação/pesquisa pelo IPEC. Disponível em: [Apresentação Retratos da Leitura 2024 13-11 SITE.pdf](#) Acesso em: 03 jan. 2025.

textuais que, na circunstância da tradução, terão de fazer ao garantir os efeitos estéticos e de sentido pretendidos pelo original; para, na criação literária, lidar com inovações vocabulares em diferentes formas de expressão; para, na crítica literária, avaliar, por exemplo, a verossimilhança da fala de personagens. Isso implica reconhecer os mecanismos morfossintáticos e fonológicos à disposição na(s) língua(s). Talvez um dado que se apresente como singular na escrita de redações de pleiteantes a vagas de ensino superior, como ‘desque’, seja exatamente o que se necessita para, em determinados textos e considerando-se o contexto de enunciação, perseguir a realidade conversacional ou aproximar o que se escreve da naturalidade da fala. Trata-se, portanto, de usar subsídios teóricos e resultados de pesquisas como recursos para a criação e avaliação textual, valendo-se do que vem se considerando, neste artigo, conhecimento de especialidade.

5 Por que contemplar teorias linguísticas formais na graduação em Letras?

Capacitar-se a analisar dados singulares como se fez acima e a sugerir formas de abordá-los na atuação dos profissionais em Letras a partir de conhecimento especializado (fundamentos teóricos e resultados de estudos linguísticos), essencial à adequada educação linguística, só se garante em currículos de graduação em Letras que contemplem, em alguma medida, teorias linguísticas formais. Essas têm potencial de fornecer, inclusive, subsídios para lidar com a oralidade no ensino básico e no ensino superior.

Storto, Costa-Maciel, Bueno e Dolz (2024), em uma publicação sobre a abordagem da oralidade e dos gêneros orais na formação dos professores e no trabalho docente, afirmam que, embora o trabalho com a oralidade e os gêneros orais esteja previsto em documentos como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018), “essa temática ainda não recebe o mesmo tratamento que a escrita, seja no que diz respeito à leitura, seja à produção ou à análise linguística.” (Storto; Costa-Maciel; Bueno; Dolz, 2024, p.1). Para os autores,

“Se há certa projeção na discussão sobre gêneros em torno do letramento acadêmico, termo em si que remete a práticas e eventos relacionados à escrita (Lea & Street, 2014), há, por outro lado, a observância da coexistência da oralidade orquestrando os usos que fazemos da língua. Por conseguinte, há o reconhecimento de que existe um universo de práticas e eventos de oralidade que atuam nos usos cotidianos da língua. A oralidade, portanto, não é uma prática paralela, arbitrária ou secundária; se comparada à escrita, ela é, em termos cronológicos, a primeira e, em termos de utilização, tão relevante quanto a escrita nas diferentes culturas em que essa última está presente. É clara, portanto, a responsabilidade social que as instituições têm, na figura de seus/suas docentes-formadores/as, de assumirem o oral não apenas como ponto de presença no currículo, mas como eixo garantido na formação dos futuros/as profissionais da docência ...” (Storto; Costa-Maciel; Bueno; Dolz, 2024, p.4)

A constatação dos autores é coerente com nossa visão de que a oralidade e os gêneros orais ainda são periféricos na educação linguística. Tal situação reforça nossa defesa do estudo, nos cursos de Letras, de teorias e resultados de pesquisas linguísticas que busquem, em dados de fala, evidências da organização interna das línguas, ou correlações com fatores estruturais e sociais esclarecedores da diversidade e mudança linguísticas. É o que se buscou demonstrar, neste artigo, na análise dos efeitos da oralidade no dado singular ‘desque’. Assim fazendo, pode-se abrir espaço, nos currículos de graduação, a um dos aspectos implicados nas práticas e eventos orais, o das formas geradas e usadas em diferentes situações sociais, nos diversos meios/suportes de veiculação das mensagens/conteúdos.

Espaço, aqui, não quer dizer acréscimo de créditos (horas-aula) à formação dos graduandos, mas possivelmente uma revisão de súmulas e tópicos de conhecimento constantes nos planos de ensino de disciplinas já existentes nas grades curriculares. A análise do dado singular ‘desque’ mostrou que o conhecimento especializado em fonologia e ciências do léxico esclarece o efeito da oralidade sobre o processamento grafo-fonológico, o que, por seu turno, pode amparar ações dos profissionais de Letras a respeito. É necessário, portanto, estabelecer relações entre temáticas, levando-se em conta, no que tange às disciplinas de linguística na graduação em Letras, o que ensinar em cada uma delas e como (relacionado a que) ensinar os diversos tópicos.

É preciso ir além da historiografia da ciência, da abordagem às grandes escolas de pensamento linguístico – estruturalismo, gerativismo, funcionalismo

etc. –, das críticas que uma escola faz à outra, do mero esclarecimento das unidades básicas de análise (fonema, morfema, sintagma) e dos aspectos semântico-pragmáticos inscritos na lógica formal. Sem abrir mão desses conteúdos, mas revendo a dose dos mesmos administrada aos licenciandos e bacharelados, pode-se:

- i) abordar as ideias centrais dos diferentes modelos de análise linguística em conexão com grandes desafios na atuação dos profissionais em Letras, como procuramos demonstrar apoiando-nos na fonologia prosódica e nos subsídios da fraseologia para esclarecer a singularidade da hipossegmentação na escrita de adultos;
- ii) associar a lógica formal (de organização interna da língua) à lógica dos usos da linguagem em práticas comunicativas situadas (Loder; Jung, 2008), para as quais são relevantes:

não somente os dados contextuais relativamente mais estáveis sobre participantes (quem fala para quem), referência (sobre o quê), espaço (em que lugar) e tempo (em que momento), mas consideram a maneira como cada um dos presentes sinaliza e sustenta o contexto interacional em curso (Ribeiro; Garcez, 2002, p.8).

Essa associação pode suscitar a busca de informações, por parte dos futuros profissionais em Letras, para responder indagações como: “O que está acontecendo nesta situação de uso da linguagem?”, em termos de ações sociais realizadas com a linguagem; “Por que certas formas de expressão, não outras, estão sendo usadas?”, em termos de construção e interpretação de sentidos (por disposições socioculturais, efeitos estilístico-funcionais e intenções comunicativas); “Que fatores internos ou forças estruturais moldam as formas linguísticas?”, em termos de características (fonológicas e morfossintáticas) das formas realizadas/empregadas? Amparada em teorias e resultados de pesquisas linguísticas, tal busca pode oportunizar, aos graduandos em Letras, a devida experiência com linguística, informando sobre aspectos teóricos e capacitando para as futuras práticas profissionais.

6 Considerações finais

O exame do dado singular ‘desque’ na escrita de adultos, realizado no artigo, mostra que o conhecimento especializado em linguística esclarece os condicionadores estruturais dessa ocorrência da oralidade, eventualmente transposta para a escrita, e os aspectos fonológicos (segmentais, prosódicos) e lexicais que motivam a transposição. Ou seja, o que se apresenta, superficialmente, como “erro de escrita” é manifestação de múltiplos fatores, relacionados à cognição humana para a linguagem.

Esse exame sugere que investigar dados de uso da linguagem de diferentes naturezas na graduação em Letras, em disciplinas que possam contemplar fundamentos linguísticos e escrita/leitura, literatura, fala-em-interação social, em cenários multilíngues e multimodais, entre outras interfaces, é caminho possível para oportunizar a construção de um tal conhecimento de especialista, voltado à análise e compreensão das funções, relações, causas das ocorrências linguísticas.

O exame sugere, também, que esteja aí, na análise das múltiplas motivações das formas e usos linguísticos, um caminho para dar espaço à oralidade nos cursos de Letras. Esse caminho não vai exatamente na via dos gêneros orais, mas do reconhecimento de que práticas sociais empreendidas pela expressão oral da língua coexistem, na vida em sociedade, com práticas sociais empreendidas pela expressão escrita. Cada conjunto de práticas tem estatuto, normas e formas de expressão específicas, as quais devem ser reconhecidas e observadas pelos profissionais da linguagem, missão com que as disciplinas de linguística nos currículos de Letras têm muito a contribuir, como se espera ter demonstrado no artigo.

Referências

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, Regina Ritter (org.). *Aquisição da linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 167-186.

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; FIAD, Raquel Salek; MAYRINK-SABINSON, Maria Laura; GERALDI, João Wanderley. Considerações sobre a utilização de um paradigma indiciário na análise de episódios de refacção textual. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, n. 25, p. 5-23, 1995.

BATTISTI, Elisa. Haplogia no português do sul do Brasil: Porto Alegre. *Letras de Hoje*, v. 40, n. 3, p. 73-88, 2005.

BATTISTI, Elisa; OUSHIRO, Livia. A motivação social da haplogia variável no português de Porto Alegre. *Confluência*. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 62, p. 270-302, jan.-jun. 2022. <https://doi.org/10.18364/rc.2022n62.444>

BATTISTI, Elisa; SOARES, Rafaela Carneiro. Haplogia variável e estilos contextuais no português de Porto Alegre. *Travessias Interativas*, São Cristóvão (SE), n. 31, v. 14, p. 8-24, 2024. <https://doi.org/10.51951/ti.v14i31.p8-24>

BERMÚDEZ-OTERO, Ricardo; TROUSDALE, Graeme. Cycles and continua: on unidirectionality and gradualness in language change. In: NEVALAINEN, Terttu; TRAUGOTT, Elizabeth Closs (eds). *The Oxford handbook of the history of English*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 691-720.

BRASIL, Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília, MEC, 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 03 jan. 2025.

COLLISCHONN, Gisela. Proeminência acentual e estrutura silábica: seus efeitos em fenômenos do português brasileiro. In: ARAÚJO, Gabriel A. de (org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 195-223.

CORPAS-PASTOR, Gloria. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.

CUNHA, Ana Paula Nobre da. A segmentação não convencional da escrita: o registro da variação inicial de um sistema em aquisição. In: MIRANDA, Ana Ruth Moresco; CUNHA, Ana Paula Nobre da; DONICHT, Gabriele. (orgs.). *Estudos sobre a aquisição da linguagem escrita*. Pelotas: Ed. UFPel, 2017. p. 65-88.

CUNHA, Ana Paula Nobre da; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: a influência da prosódia. *Alfa – Revista de Linguística*, v. 53, n. 1, p. 127-148, 2009.

FERREIRO, Emilia. Os processos construtivos de apropriação da escrita. In: FERREIRO, Emilia; PALACIO, Margarita Gómez (orgs.). *Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FREITAS, Gabriela Castro Menezes de. Consciência fonológica: rimas e aliterações no português brasileiro. *Letras de Hoje*, v. 38, n. 2, p. 155-170, 2003.

GAYER, Juliana Ludwig. Uma breve história dos constituintes prosódicos. *Diadorim*, v. 17, n. 2, p. 149-172, 2015.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALLE, Morris; VAUX, Bert; WOLF, Andrew. On feature spreading and the representation of place of articulation. *Linguistic Inquiry*, v. 31, n.3, p. 387-444, 2000.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, M^a Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LÍNGUAPOA. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015-2019 (período de coleta). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/linguapoa/> Acesso em: 01 jun. 2025.

LODER, Letícia Ludwig; JUNG, Neiva Maria (orgs.). *Fala-em-interação social: introdução à análise etnometodológica*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. A fonologia em dados de escrita inicial de crianças brasileiras. *Linguística (Madrid)*, n.30, p. 45-80, 2014.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. Aquisição da escrita – as pesquisas do GEALE. In: MIRANDA, Ana Ruth Moresco; CUNHA, Ana Paula Nobre da; DONICHT, Gabriele (orgs.). *Estudos sobre a aquisição da linguagem escrita*. Pelotas: Editora da UFPEL, 2017. p.15-50.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco; CUNHA, Ana Paula Nobre da; DONICHT, Gabriele (orgs.). *Estudos sobre a aquisição da linguagem escrita*. Pelotas: Editora da UFPEL, 2017.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco; VELOSO, João. Consciência linguística: aspectos fonológicos. In: FREITAS, Maria João; SANTOS, Ana Lúcia (eds.). *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português*. Berlin: Language Science Press, 2017. p. 439-458.

MORAIS, Artur Gomes de. *Ortografia: ensinar e aprender*. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

OLIVEIRA, Alan Jardel de. *'Comendo o final das palavras': análise variacionista da haplologia, elisão e apócope em Itaúna/MG*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, Samuel Gomes de; GUTIERRES, Athany; BATTISTI, Elisa; PEROZZO, Reiner Vinicius. Interação entre processamento fonológico e princípios da escrita alfabética: um caso de inadequação ortográfica em contexto universitário e formas de abordar a fonologia em sala de aula. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v.24, n.3, p. 58-83, 2020. <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2020.v24.31396>

PENNYCOOK, Alastair. *Critical Applied linguistics: a critical introduction*. Mahwah, New Jersey/London: LEA – Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2001.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro de Moraes. Apresentação à nova edição. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro de Moraes (orgs.). *Sociolinguística interacional*. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 7-11.

SELKIRK, Elisabeth. The syntax-phonology interface. In: GOLDSMITH, John; RIGGLE, Jason; YU, Alan C. L. (eds.). *The handbook of phonological theory*. 2nd ed. Malden/Oxford: Wiley-Blackwell, 2011. p. 435-484.

SILVEIRA, Sousa da. *Fonética sintática*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUZA, Ivan Pereira de; PINTO, Antônio Sérgio da Costa; CARVALHO, Márcia Goretti Pereira de. Unidades fraseológicas: fraseologismos, frasemas, expressões pluri ou poliverbais, formas cristalizadas, idiomatismos, expressões idiomáticas. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v.7, n.7, p.70999-71021, 2021. <https://doi.org/10.34117//bjdv7n7-328>

STORTO, Letícia Jovelina; COSTA-MACIEL, Débora Amorim Gomes da; BUENO, Luzia; DOLZ, Joaquim. Oralidade, gêneros orais, trabalho e formação docente: dos documentos prescritivos à sala de aula. *D.E.L.T.A.: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 40, n.4, p. 1-15, 2024. <https://doi.org/10.1590/1678-460X202440468749>

TENANI, Luciani. Fonologia prosódica. In: HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia. *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 109-123.

TILIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf. Educação linguística crítica para a transformação social radical: discussões sobre letramentos, criticidade e afeto em tempos de barbárie. *D.E.L.T.A.*, 40-1, p. 1-32, 2024. <https://dx.doi.org/10.1590/1678-460X202440157244>

Artigo recebido em 05/01/2025 e aceito em 24/05/2025.